

## REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DOS EDUCADORES DIANTE DA PANDEMIA E DAS DEMANDAS TECNOLÓGICAS DO SÉCULO XXI

Valéria de Menezes Aragão\*

Cledes Antonio Casagrande\*\*

**Resumo:** Este artigo busca identificar os principais desafios enfrentados pelo professor na atualidade, haja vista o contexto de pandemia e as novas demandas advindas da inserção da tecnologia nas práticas educativas. Ele é decorrente de um projeto de pesquisa em desenvolvimento, no campo da Educação, que possui natureza qualitativa. O recorte aqui apresentado é derivado da revisão bibliográfica que fundamenta a pesquisa, e a análise segue a perspectiva hermenêutica. As primeiras reflexões possíveis decorrentes da pesquisa sinalizam que a sociedade e o campo educacional já viviam crise anterior à pandemia de Covid-19, apontando para a necessidade de modificação nos processos de ensino e de aprendizagem, o que afeta diretamente os educadores. A pandemia, por sua vez, deixa mais claros os sinais da crise e as dificuldades enfrentadas pelos educadores. Além disso, as novas demandas tecnológicas auxiliam no questionamento do papel e da ação pedagógica desenvolvidos pelos professores. Destaca-se que a educação é tarefa coletiva, que envolve educandos, educadores e instituições sociais, por isso o educador não pode ser responsabilizado sozinho pelo bom andamento dos processos de ensino e de aprendizagem, embora estejam claras as suas demandas formativas, em especial relacionadas às novas tecnologias educacionais.

**Palavras-chave:** Educação escolar. Pandemia. Desafios do educador. Tecnologias educacionais.

## REFLEXIONES ACERCA DE LOS DESAFÍOS DE LOS EDUCADORES ANTE LA PANDEMIA Y LAS DEMANDAS TECNOLÓGICAS DEL SIGLO XXI

**Resumen:** Este artículo busca identificar los principales desafíos que enfrenta el docente en la actualidad, dado el contexto de la pandemia y las nuevas demandas derivadas de la inserción de las tecnologías en las prácticas educativas. Es el resultado de un proyecto de investigación en desarrollo en el campo de la Educación, que tiene un enfoque cualitativo. El extracto que se presenta aquí se deriva de la revisión de la literatura que subyace a la investigación, y el análisis sigue la perspectiva hermenéutica. Las primeras posibles reflexiones resultantes de la investigación señalan que la sociedad y el campo educativo ya vivían una crisis previa a la pandemia Covid-19, apuntando a la necesidad de cambios en los procesos de enseñanza y aprendizaje, lo que afecta directamente a los educadores. La pandemia, a su vez, aclara los

---

\* Professora de Língua Portuguesa. Mestranda em Educação pela Universidade La Salle. Contato: [vaaleriaaragao@gmail.com](mailto:vaaleriaaragao@gmail.com)

\*\* Doutor em Educação. Professor do PPG em Educação da Universidade La Salle. Contato: [clesdes.casagrande@unilasalle.edu.br](mailto:clesdes.casagrande@unilasalle.edu.br)

signos de la crisis y las dificultades que enfrentan los educadores. Además, las nuevas demandas tecnológicas ayudan a cuestionar el rol y la acción pedagógica que desarrollan los docentes. Es de destacar que la educación es una tarea colectiva, en la que participan estudiantes, educadores e instituciones sociales, por lo que el educador no puede ser el único responsable del buen funcionamiento de los procesos de enseñanza y aprendizaje, aunque sus demandas formativas son claras, especialmente las relacionadas con las nuevas tecnologías educativas.

**Palabras clave:** Educación escolar. Pandemia. Desafíos del educador. Tecnologías educativas.

## **Introdução**

A educação escolar do século XXI traz consigo muitos desafios, questionamentos e também possibilidades. Um dos principais atores da cena educacional, o educador, sofre os impactos diretos dos problemas: dúvidas e anseios da sociedade. No caso atual, não poderíamos deixar de mencionar a situação da pandemia causada pelo coronavírus, que rapidamente modificou toda a dinâmica educacional e afetou sobremaneira a ação dos professores.

Antes mesmo da pandemia, já estava razoavelmente claro que a escola necessitava reavaliar seus modos de ser e de fazer educacionais. Em outros termos, era premente um novo olhar acerca da complexidade crescente da ação educacional, uma vez que uma boa parte das práticas educativas necessitavam encontrar sintonia com o atual contexto social. Sem pretensão de abordar as inúmeras dificuldades inerentes ao fazer educativo – ainda que essas mereçam destaque em outra ocasião, busca-se, aqui, discutir o papel do educador no atual contexto de pandemia e os reveses que impossibilitam maior dinamicidade do ensino, principalmente no que tange à inserção da tecnologia.

A sala de aula, mais do que um espaço coletivo, é um ambiente de interação e construção de conhecimentos. Logo, os recursos didáticos na contemporaneidade necessitam estar concatenados à realidade na qual os alunos e os professores então submersos. Isto posto, pensar em tecnologia na educação vai muito além da sala de vídeo ou do laboratório de informática, uma vez que esses recursos estão incorporados na comunicação, nos conteúdos escolares e, conseqüentemente, em toda a interação social. Dessa maneira, é preciso entender

a complexidade que a nova realidade exige, não somente do professor, mas de todos os atores envolvidos no processo educativo: profissionais da educação, alunos, escola e comunidade.

O problema de pesquisa que nos propomos abordar, aqui, pode ser assim definido: quais os possíveis desafios enfrentados pelos educadores num contexto de pandemia e de novas demandas tecnológicas da educação do século XXI? Trata-se, pois, da análise dos desafios do professor diante da situação de pandemia e da emergência de novas demandas tecnológicas.

A pesquisa em questão caracteriza-se por ser de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, com enfoque hermenêutico e compreensivo. Os participantes da pesquisa serão professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da cidade de Manaus – AM. Uma pesquisa qualitativa é indicada para nortear a investigação de fenômenos sociais, com interesse de perscrutar aquilo que não é manifesto no universo das ações e das relações humanas, através da compreensão e interpretação dos sentidos e significados intrínsecos dos objetos problematizados. Além disso, entendemos que uma pesquisa qualitativa consiste em

[...] um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações [...] Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas e eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17).

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa será desenvolvida mediante um estudo de caso, o qual busca, sobretudo, a análise de uma situação e de um espaço específicos (YIN, 2001), no caso dos professores anteriormente mencionados. Dessa maneira, segundo Yin (2001, p. 19), o estudo de caso busca entender o “como” e o “porquê” de determinados eventos, considerando os “eventos contemporâneos em algum contexto da vida real”.

Como se trata de uma pesquisa no campo da educação, entendemos ser pertinente enfatizar o exercício hermenêutico. Desse modo, a análise dos dados ou conceitos já disponíveis seguiu a perspectiva da hermenêutica filosófica, como proposto por Gadamer (2005 e 2007), com esforço para contextualizar, compreender, interpretar e aplicar os principais conceitos e categorias advindos da pesquisa. Neste sentido, esse autor afirma:

Em princípio, quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem uma 'neutralidade' com relação à coisa nem tampouco um anulamento de si mesma; implica antes uma destacada apropriação das opiniões prévias e preconceitos pessoais. O que importa é dar-se conta dos próprios pressupostos, a fim de que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade, podendo assim confrontar sua verdade com as opiniões prévias pessoais (GADAMER, 2005, p. 358).

Com isso, almejamos que o exercício conceitual, mediante contextualização, compreensão e aplicação, possibilite-nos elencar elementos que nos auxiliem a desenvolver uma melhor compreensão do fenômeno educacional atual, especialmente dos desafios que enfrentam os educadores diante de uma situação de pandemia e de emergência de novas tecnologias educacionais e, ao mesmo tempo, nos habilite, enquanto pesquisadores e educadores, a melhorar a qualidade de nossas ações educacionais e processos formativos.

Ressaltamos que, neste artigo, apresentaremos apenas os dados preliminares da pesquisa em andamento, especialmente no que tange à revisão de literatura, e um primeiro exercício hermenêutico de discussão das referências teóricas disponíveis até o presente momento. Nessa perspectiva, o artigo está subdividido em três partes. Na primeira, apresentaremos algumas reflexões acerca da crise na educação e sua relação com a pandemia e o novo perfil de estudantes que chegam às escolas. Na segunda parte, buscamos refletir acerca do papel dos educadores e das instituições educacionais antes as novas demandas e desafios da educação. Na última, teceremos algumas considerações finais e apontaremos para possíveis caminhos de novas investigações sobre o tema em questão.

## **1 Crise da educação, pandemia e o perfil dos estudantes na contemporaneidade: uma leitura aproximada**

Ao olharmos a nossa realidade brasileira, neste ano de 2021, podemos nos alinhar à metáfora de Boaventura de Sousa Santos (2004) e afirmar categoricamente que vivemos uma crise.

Vivemos num tempo atônito que, ao debruçar-se sobre si próprio, descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser (SANTOS, 2004, p. 13).

Trata-se, com toda certeza, de um tempo de crises e de rupturas. Tal crise, resultante de uma pluralidade de condições, se alastra, desde o século XX, por todas as esferas da sociedade, provocando significativas mudanças na esfera econômica, científica, ética, estética, antropológica e, inclusive, educacional. Seus efeitos são sentidos na profunda ambiguidade e complexidade do tempo presente, “um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além dele ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita” (SANTOS, 2004, p. 15).

No caso do Brasil, trata-se de uma crise social, sanitária, humana e também de sentido. É importante nos darmos conta de que a pandemia, causada pelo Covid-19, apenas maximizou os efeitos já existentes na sociedade e na educação de crises anteriores e expôs a incontestável fragilidade do humano (SANTOS, 2020). Como decorrência, o impacto da pandemia acaba sendo maior nas camadas populacionais mais pobres e desassistidas pelo poder público.

Com a pandemia, a necessidade de isolamento social implicou mudanças em todos os setores da sociedade. Segundo Santos (2020, p. 6), “a ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos caiu por terra”. Ou seja, o modelo econômico voltado exclusivamente para o lucro se viu ineficaz diante da demanda e do caos que se instalou no mundo. Isoladas, as pessoas consumiram menos, deixaram de lado a necessidade de comprar em troca da possibilidade de se manterem vivas. Assim, pode-se dizer que a pandemia desestabilizou, de algum modo, a frágil ordem social vigente (HERMANN, 2020).

Além disso, a pandemia ensina a pensar o sofrimento (HERMANN, 2020), e a buscar soluções práticas para a resolução da problemática mais emergente que assola a sociedade. No caso do campo educacional, essas soluções devem estar pautadas, principalmente, em respostas científicas, conhecimentos comprovadamente relevantes e novas estratégias para promover o ensino e a aprendizagem dos estudantes. O que percebemos é que professores, pesquisadores, pais, alunos e toda a sociedade vivenciam uma urgência de mudança de atitude, e até de paradigma, em relação à crise instaurada. Ou seja, é muito necessário a emergência de um novo olhar, novas estratégias, novos meios e recursos, os quais devem ser incorporados à prática educativa a fim de que de a democratização do acesso ao conhecimento aconteça. E para que isso ocorra, segundo Santos (2004), será necessário instaurar outra forma de conhecimento, que alie ética e política, um conhecimento compreensivo e íntimo, ou um conhecimento prudente para uma vida decente.

Obviamente que essa crise social e sanitária adentra as portas das escolas e impacta diretamente os atores do processo educacional, em especial os educadores. Como já mencionado, vários elementos dessa crise já eram perceptíveis antes mesmo da pandemia, entretanto são maximizados por ela, como veremos na sequência.

Um desses elementos é o acesso e o uso de novas tecnologias. Podemos observar que entre os adolescentes e jovens em idade escolar, a maneira de interagir e ser está intrinsecamente ligada à tecnologia. Os relacionamentos, as conversas e as novas ferramentas de trabalho explicitam que, sem a internet, as pessoas não conseguiriam espaço no contexto social atual. Das trocas de mensagem via aplicativos de conversas às transações bancárias de forma imediatas e dinâmicas, a educação também precisou se reinventar. O espaço da sala de aula ampliou-se, ganhou dimensões e públicos nunca antes estimados pois, por meio da internet, o que é ensinado em um lugar pode ser compartilhado por todo o mundo, quase que simultaneamente.

A globalização, em seu aspecto social, político e cultural, tem reformulado o perfil de aluno no século XXI. O primeiro pode ser percebido nas alterações de prioridades e relevâncias dos objetos de desejo dos discentes: não mais anseiam coleções de livros ou como as famosas coletâneas *Barsa*, porém buscam computadores e celulares de última geração, já que, por meios desses, podem ter acesso a conteúdo ilimitado de todas as disciplinas. Somado a isso, o surgimento de plataformas on-line e perfis – os chamados *studygrams* – reforçam mudanças nas estratégias sociais de obtenção do conhecimento.

O segundo, de caráter mais expositivo, relaciona-se, principalmente, à força da liberdade de manifestação de pensamento explicitada nas mídias sociais. As redes sociais transformaram-se em verdadeiros plenários de discussão, substituindo, muitas vezes, até mesmo a figura mediadora do professor. Como resultado disso, os alunos expõem suas percepções sociais nessas mídias, e fazem delas instrumentos de reflexão da própria sociedade.

Quanto ao terceiro, observa-se, enfim, as mudanças que os dois anteriores trazem à formação cultural do aluno. A referências, os padrões e as influências estão, inevitavelmente, relacionados àquilo que está em evidência na internet. Nunca a expressão ‘quem não é visto, não é lembrado’ fez tanto sentido como na sociedade globalizada de hoje. A web passa a ser indicadora de padrões, referência de valores e, inegavelmente, traz à tona a necessidade de mudanças na educação.

Além disso, considerando os dados recentes do IBGE, os resultados da pesquisa Tecnologia da Informação e Comunicação (2017) confirmam que praticamente dois terços da população do Brasil possui acesso à internet; isso corresponde a praticamente 69,8% dos brasileiros. Para manter conexão com a rede, a maior parte dos usuários utiliza os *smartphones*, ou seja, os aparelhos celulares podem ser – mais do que vilões do ensino – aliados da nova educação. Não obstante, o que se observa, muitas vezes, é uma verdadeira ‘queda de braço’ entre professores e alunos, alunos e escola. No contexto anterior à pandemia, os celulares eram vistos por muitos como o maior desafio da aprendizagem, já que tiravam o foco e a atenção dos estudantes, dificultando a aquisição do conteúdo.

Convém ressaltar, por outro lado, que o uso do celular é, sem dúvida, uma oportunidade a ser considerada pelos professores, assim como os notebooks que já ocupam lugar de prestígio na lista de recursos didáticos das universidades. A problemática está, entretanto, no grau de maturidade dos usuários – no caso específico, dos alunos da educação básica. Nesse ínterim, o professor tem papel de extrema importância na validação desse que pode ser um forte aliado às estratégias de aula, uma vez que, por meio de atividades criativas, pode usar a seu favor aquilo que, muitas vezes, o atrapalha. É importante, pois, entender que é a postura do professor ante a tecnologia como um todo que irá fazer dela um benefício, como ressalta Zabala (1998, p. 29):

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação.

Diante do exposto, pode-se inferir que o papel da tecnologia é o de oferecer, na sala de aula, suporte para os novos contextos e situações da educação hodierna. É importante notar que, com a pandemia, o que era considerado uma exceção, como o largo uso do celular ou das videoconferências, acabaram tornando-se o único recurso disponível para sustentar a interação entre professores e alunos. Obviamente que isso precisará ser pesquisado, no futuro.

## 2 Os educadores e as escolas ante as novas demandas e desafios da educação

Conforme apontado anteriormente, a pandemia expôs, de modo mais claro, uma crise social, que é também epistemológica, ética e formativa, já vigente em nosso meio há mais tempo. O campo educacional foi radicalmente afetado pela pandemia, resultando no fechamento de escolas e universidades, no afastamento de professores e estudantes dos ambientes interativos. Tecnologias e meios de comunicação, que aos poucos ganhavam espaço no ambiente educacional, tornaram-se os únicos recursos para a continuidade dos processos de ensino e de aprendizagem. E isso trouxe impactos significativos aos atores educacionais, especialmente educadores e educandos, algo já anunciado em períodos anteriores, mas ainda não consolidado.

É importante ressaltar que o campo educacional, por suas características e especificidades, sofre interferências diretas dos outros setores sociais. Sobre essa natureza do campo educacional, Charlot (2006) já apontava, como uma definição preliminar, o caráter mestiço e interdisciplinar do mesmo. Por outro lado, o mesmo autor já apontava que o que caracteriza e define o campo educacional é o triplo processo formativo que nele se dá, a partir de uma tripla articulação: “a educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular” (CHARLOT, 2006, p. 15).

Para que o processo formativo seja efetivado, concorrem três atores principais: o estudante, o educador e a instituição ou política educacional (CHARLOT, 2006). Neste sentido, qualquer impacto de uma crise social no campo da educação denota, necessariamente, tensões e efeitos nos três agentes. No caso específico desta pesquisa, nossa atenção estará centrada na perspectiva do educador, sem obviamente desconsiderar que esse faz parte de um ecossistema de ensino e de aprendizagem, que não pode ser desconsiderado.

Nóvoa (2009), uma década antes da pandemia, já apontava que as novas tecnologias têm revolucionado o dia a dia das escolas e da sociedade. Ou seja, para esse autor, não havia mais possibilidade de pensar o ensino e a ação pedagógica sem incorporar as ferramentas digitais no currículo dos professores – já que manuseá-las terá papel extremamente relevante à qualidade do ensino, e dos alunos – uma vez que a dispersão nas aulas só será evitada caso haja estratégias de manuseio e aproveitamento.



Nessa perspectiva, o ensino a distância surge uma como ferramenta que possibilita a democratização do conhecimento, uma vez que, mesmo em ambientes diferentes, alunos podem dispor dos mesmos subsídios teóricos a partir de uma aula on-line. Assim, de acordo com Schlemmer (2005, p. 31),

A EAD [Educação a Distância] consiste, então, em um processo que enfatiza a construção e a socialização do conhecimento, assim como a operacionalização dos princípios e fins da educação, de modo que qualquer pessoa, independentemente do tempo e do espaço, possa tornar-se agente de sua aprendizagem, devido ao uso de materiais diferenciados e meios de comunicação que permitam a interatividade (síncrona ou assíncrona) e o trabalho colaborativo/cooperativo.

À vista disso, compreende-se que, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, a educação vem se modificando, configurando o que se pode chamar de uma nova educação, termo que bem define os desafios a serem superados não somente por professores e alunos, mas também por toda a sociedade, enquanto parcela essencial no processo de ensino e aprendizagem. Isso ocorre, porque “a Educação On-line potencializa, por meio das novas TD no contexto da cibercultura, o desenvolvimento de práticas pedagógicas dialogadas, hipertextuais, autoral e coautoral, através de processos de interação, determinando e sendo determinados pelo fluxo da rede” (BACKES; MANTOVANI, 2017, p. 110).

A realidade atual implica, na prática docente, vários questionamentos, dentre os quais, citamos: Como ser educador num contexto de pandemia? O que representa a figura do professor na sociedade globalizada hodierna em crise? Qual seu papel na construção de uma comunidade mais humana?

Num primeiro momento, não podemos deixar de mencionar que a ação pedagógica dos professores, na pandemia, foi profundamente impactada e transformada abruptamente. Alguns estudos iniciais apontam a fragilidade do humano diante da dor, as incertezas e dificuldades da docência em tempos de pandemia, especialmente no que tange à interação educadores-educandos (CHARCZUK, 2020), e a necessária aprendizagem da dor e por meio da dor (HERMANN, 2020) – premissa que ilustra a realidade vivida por todos os envolvidos nesse processo, uma vez que, ainda que, por algum motivo, superados os desafios técnicos, os dilemas pessoais decorrentes do luto trazido pela realidade pandêmica ainda se mostravam latentes.

Além disso, para Tardif (2017), “o professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Não obstante, observa-se que,

longe de ser o detentor absoluto do saber, o professor do século XXI é, acima de tudo, um ser que está em processo de aprendizado. Isso ocorre porque a inovação tecnológica fez rachar as antigas práticas descritas em manuais que não sustentam a atual realidade, logo, ser professor é aceitar que não saber usar a tecnologia a seu favor é conviver com o fadado fracasso profissional.

Quanto a isso, Nóvoa (2009) complementa que é importante o professor reconhecer a importância social que exerce, sem negligenciar a necessidade de renovação de práticas, pois:

Os professores reaparecerem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.

Isso traz à tona algumas dificuldades comuns na rotina escolar. O que se observa é certa lacuna que existe entre o que sabem professores e o que sabem os alunos acerca da tecnologia. Por menor recurso financeiro que disponha, boa parte dos alunos domina significativamente o uso de aparelhos eletrônicos como celulares e computadores. Além disso, a internet é peça fundamental nas relações sociais estabelecidas – os alunos sabem usar aplicativos de conversas, enviar e-mails, mas não sabem fazer consultas simples no dicionário, por exemplo. Diante desse cenário, urge que, para acompanhar o acelerado desenvolvimento da tecnologia, o professor necessita buscar intimidade com esses recursos a fim de que não se torne refém do próprio sistema, já que a tendência moderna é ampliar o uso das tecnologias como estratégia de ensino.

Como, então, colocar o professor no centro da organização estratégico-tecnológico-didática? Antes de tudo, embora cada professor tenha dificuldades individuais, muitas dessas barreiras são comuns à maioria: criar nichos de comunicação direta na internet, estabelecer fóruns de discussão nas redes sociais, produzir conteúdo e disponibilizar em e-books nas plataformas, dominar os recursos tecnológicos, apostar na formação continuada dos educadores. As dificuldades são solitárias, mas as estratégias de dominá-las não precisam ser: os professores podem e devem compartilhar com os pares os caminhos encontrados a fim de que o processo como um todo seja beneficiado – as experiências positivas de um podem se tornar sucesso de todos.

De modo global, isso está relacionado aos chamados repertórios de conhecimentos que, segundo Gauthier (2006), residem na capacidade de criar, revelar e validar certo saber da

prática, ou saber experiencial, para que não fique confinado somente ao campo da prática individual, mas seja compartilhado entre a comunidade dos educadores. Isto posto, é inegável a necessidade de compartilhamento de estratégias que contribuam para a superação das dificuldades de toda a classe – o professor é, antes de tudo, um multiplicador de conhecimentos, inclusive entre os colegas de profissão. Por conseguinte, entende-se que, presentes na práxis docente com bastante rigor, as novas demandas tecnológicas podem impulsionar um novo modelo de educação, uma vez que motiva os educadores na busca de novas estratégias de ensino e, sobretudo, na aquisição de novos conhecimentos.

Entretanto, como apontado anteriormente, o educador não é o único agente da educação. Desse modo, é premente considerar que o educador age em consonância com uma política educacional e com diretrizes e estruturas institucionais. Com isso queremos apontar que a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso dos processos educacionais é compartilhada entre os diversos agentes: educadores, educandos e instituições. Ademais, no que tange à estrutura e ao acesso à tecnologia, grande parcela da responsabilidade recai sobre a instituição educacional.

A promoção de uma educação de excelência depende de toda a sociedade, mas é na escola que essa missão se materializa. No atual cenário brasileiro, há uma grande diferença entre os ensinos público e privado. No que tange às escolas públicas, o que se observa é uma imensa carência de insumos e recursos tecnológicos, baixa ou quase nenhuma adaptação curricular voltada para a formação e o uso de informática, o que denuncia a grande dificuldade enfrentada por professores e alunos. Entretanto, na rede privada de ensino, a realidade é, em sua maioria, oposta, já que boa parte das escolas particulares dispõem de um vasto aparato tecnológico, recursos didáticos e mídias que favorecem o ensino de seus educandos. Essa dicotomia amplia o desequilíbrio na formação de estudantes, a qual fomenta diretamente a desigualdade social.

De acordo com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, em seu artigo 2º, é previsto que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Complementa, ainda, em seu artigo 3º, que deve haver a coexistência do ensino público e do privado. Diante dessa premissa, observa-se que, ainda que a lei valide as ofertas de ensino, ambos devem culminar no mesmo objetivo: oferecer subsídios aos educandos a fim de que se

tornem cidadão aptos à convivência social e capacitados para o mercado de trabalho. Não obstante, na prática, o cenário é totalmente divergente.

Longe de objetivar fórmulas mágicas, o que se pretende aqui é indicar um ponto de convergência que busque, antes de tudo, diminuir as lacunas proporcionadas pela desigualdade social. Logo, a escola deve apoiar os professores, oferecendo, dentro de seus limites, os subsídios básicos e necessários para que o ensino globalizado possa ser efetivado.

Nesse sentido, por se tratar de um instrumento de convívio social, a escola deve oportunizar esses enlaces, já que, segundo Zabala (1998, p. 28),

A capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais.

Isto posto, a dificuldades estruturais devem ser superadas, a fim de que o objetivo primeiro da educação seja alcançado e os educandos, juntos com os professores e a escola, possam alcançar aquilo que prevê a Carta Magna.

### **Considerações finais**

A primeiras reflexões possíveis decorrentes da pesquisa em andamento, como já esboçadas no decorrer deste texto, apontam que a sociedade e o campo educacional já viviam crise anterior à pandemia de Covid-19, apontando para a necessidade de modificação nos processos de ensino e de aprendizagem, o que afeta diretamente os educadores e o papel que desempenham no ambiente escolar. A pandemia, por sua vez, deixa mais claros os sinais da crise e as dificuldades enfrentadas pelos educadores. Além disso, as demandas tecnológicas auxiliam no tensionamento e no questionamento do papel e da ação pedagógica desenvolvidos pelos professores. Destaca-se que a educação é tarefa coletiva, que envolve educandos, educadores e instituições sociais. Por isso o educador não pode ser responsabilizado sozinho pelo bom andamento dos processos de ensino e de aprendizagem, embora estejam claras as suas demandas formativas, em especial relacionadas às novas tecnologias educacionais.

Segundo a filósofa e socióloga alemã Hannah Arendt (1999), “pensar é perigoso, não pensar é mais perigoso ainda”. Nessa lógica, observa-se que considerar padrões e técnicas educacionais já defasadas é estar alheio ao sucesso do ensino, uma vez que o novo é

inevitável. Daí a necessidade de pensar além, buscar estratégias para superar os desafios que são comuns a cada profissão, em especial ao ofício de professor. Ou seja, um professor que não pensa, que não reflete sobre a própria prática e o contexto histórico-social no qual está inserido, está fadado a tornar-se irrelevante e substituível no ambiente escolar, pois as tecnologias e seu uso são, de certo modo, inevitáveis. Essa premência do uso de tecnologias educacionais em sala de aula foi precipitada, de modo contundente, com a pandemia. Repentinamente, escolas, professores, estudantes e famílias necessitaram organizar novos modos de ensinar e de aprender, visto que as escolas foram fechadas em função do distanciamento necessário para proteção da saúde e das vidas.

Obviamente que poderíamos aqui elencar os inúmeros percalços, dificuldades e problemas na substituição das aulas presenciais pelo ensino remoto. Entretanto, por mais válido que seja isso, esse não é o foco do presente texto, ficando a cargo de outros pesquisadores e de estudos posteriores. O que podemos apontar refere-se à necessidade da formação continuada dos educadores, da ressignificação do seu papel com o uso de novas tecnologias educacionais e a possibilidade do trabalho coletivo. As dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula podem ser superadas, caso haja iniciativa coletiva para isso. Nesse sentido, os mestres, os alunos e a escola são peças fundamentais para a construção de um ensino mais eficiente, estratégico e globalizado. A inserção da tecnologia no contexto escolar pode ser vista como uma necessidade atual, mas também como uma possibilidade real para o futuro, pois o mundo globalizado de hoje e a experiência da pandemia de algum modo mitigaram algumas aversões às tecnologias em sala de aula.

Certamente que, para isso, serão necessárias pesquisas mais profundas, análises qualitativas, quantitativas e descritivas a fim de obter dados mais consistentes que revelem com mais clareza quais são, de fato, as possibilidades e os problemas relacionados ao uso mais amplo da tecnologia em sala de aula. O que compete ao professor, sobretudo, diz respeito ao desejo e ousadia em superar as dificuldades e os medos, reinventar-se, redescobrir-se e, acima de tudo, doar-se com o fito de construir um cenário educacional mais eficiente e democrático.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BACKES, Luciana; MANTOVANI, Ana Margô. Educação On-line na Cibercultura: Desafio de literaturalizar a ciência em E-book. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre/RS, v. 20, p. 95-113, 2017. <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/76261>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109145>.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**. v.11, n. 31, jan./abr. 2006.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. [et al]. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**, vol. 1. 7.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica**, vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2007.

GAUTHIER, Clermont; et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 2006.

HERMANN, Nadja. A Aprendizagem da Dor. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 45, n.4, e110033, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236110033>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tecnologia da Informação e Comunicação**, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SCHLEMMER, Eliane. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional**. 17ªed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.